

INSTITUTO SANTO TOMÁS DE AQUINO
Curso de Filosofia

Bruno Rocha Pereira Laviola

**O SER QUE CUIDA E É CUIDADO NA PERSPECTIVA DO
DASEIN DE HEIDEGGER**

Belo Horizonte
2013

Bruno Rocha Pereira Laviola

**O SER QUE CUIDA E É CUIDADO NA PERSPECTIVA DO
DASEIN DE HEIDEGGER**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Antônio Geraldo Cantarela

Belo Horizonte

2013

L416e Laviola, Bruno Pereira
O ser que cuida e é cuidado na perspectiva do Dasein
de Heidegger./ Bruno Pereira Laviola. Belo Horizonte,
2013.
28 f.

Orientador: Antônio Geraldo Cantarela
Monografia (graduação) - Instituto Santo Tomás de Aquino,
Curso de Filosofia, 2013.

1. Cuidado. 2. Heidegger. 3. Saúde. I. Cantarela, Antônio
Geraldo. II. Instituto Santo Tomás de Aquino III. Título

CDU: 1(43)

Bruno Rocha Pereira Laviola

**O SER QUE CUIDA E É CUIDADO NA PERSPECTIVA DO
DASEIN DE HEIDEGGER**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Antônio Geraldo Cantarela (Orientador) - ISTA

Belo Horizonte, 30 de novembro de 2013.

Dedico este trabalho a minha Tia Antônia Rodrigues Pereira (In memoria), quem muito me ajudou e incentivou na vida de estudo. Dedico, também, a todos os profissionais da área de saúde que acreditam que o gesto concreto do amor é a melhor forma de ajudar uma pessoa.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que iluminou o meu caminho durante esta jornada.

Depois, teço um agradecimento especial a meus pais; Sebastião Pereira Laviola e Maria José Rocha Laviola pelo incentivo diário na vida de estudos.

De igual maneira, estendo minhas considerações ao professor Antônio Cantarela pelo encorajamento, motivação e apoio na orientação de minha monografia.

Esboço ainda o meu reconhecimento à Província de Santa Cruz, pelo apoio dado ao estudo e de modo especial a minha Fraternidade; Santa Maria dos Anjos.

Agradeço também aos Freis: Adenilton, José Roney, Fernando e Agmar por haverem caminhado comigo ao longo deste curso, bem como pelo apoio e pela amizade.

Ademais, quero dedicar esta monografia a um confrade que durante um bom tempo sonhou juntamente comigo este trabalho: Frei Arlaton; a você obrigado pela ajuda.

Por fim, a todos os meus familiares, que perto ou à distância contribuíram para a realização deste meu sonho, muito Obrigado.

É preciso ouvir. Acolher. Deixar que o outro entre dentro da gente. Ouvir em silêncio. Sem expulsá-lo por meio de argumentos e contra razões. Nada mais fatal contra o amor que a resposta rápida. alfange que decapita. Há pessoas muito velhas cujos ouvidos ainda são virginais: nunca foram penetrados. E é preciso saber falar. Há certas falas que são um estrupo. Somente sabem falar aqueles que sabem fazer silêncio e ouvir. E, sobretudo os que se dedicam a difícil arte de adivinhar: adivinhar os mundos adormecidos que habitam os vazios do outro.

(Rubens Alves)

RESUMO

Visa-se no presente trabalho analisar o conceito de Cuidado numa perspectiva integral. Para tal, percorreu-se um caminho que perpassa a concepção heideggeriana do termo, abordando-se a experiência do “Cuidado” (preocupação-com) enquanto expressão do modo de ser do homem em relação a outros semelhantes (um dos modos de ser do *dasein*). Portanto, parte-se do pressuposto de que, desde suas bases pré-ontológicas, o homem é um ser que está fadado a cuidar-se e a cuidar com solicitude dos demais homens.

Palavras-chave: Cuidado. Heidegger. Saúde.

RESUMEN

El presente trabajo es analizar La atención de una manera integral. Experiencia a bordo del "Cuidado" (con preocupación) como expresión del modo de ser del hombre en relación con otra similar. Desde sus bases pre-ontológica. El hombre es un ser que está obligado a acurrucarse con solicitud y cuidado de los otros hombres.

Palabras-clave: Cuidad. Heidegger. Salud.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A CONCEPÇÃO DE CORPO E SAÚDE NA ANTIGUIDADE GREGA.....	12
2.1 A FÁBULA DE HIGINO.....	12
2.2 O CORPO E A SAÚDE NOS RELATOS MÍTICOS HOMÉRICOS.....	13
2.3 CORPO, ALMA E CUIDADO DA SAÚDE NOS DIÁLOGOS PLATÔNICOS.....	15
2.4 DE ANIMA DE ARISTÓTELES.....	18
3 O CUIDADO DO MODO DE SER NO DASEIN DE HEIDEGGER.....	20
3.1 A INVESTIGAÇÃO COMO PORTA DE ENTRADA PARA O DASEIN.....	20
3.2 DASEIN: SER ABERTO À EXISTÊNCIA.....	21
3.3 AS TRÊS CARACTERÍSTICAS DO MODO DE SER DO DASEIN.....	22
3.4 AS DUAS PORTAS DO DASEIN NO MUNDO: OCUPAÇÃO E PREOCUPAÇÃO COM O OUTRO.....	23
3.4.1 A ocupação (Besorgen).....	23
3.4.2 A preocupação com o outro (Fusorgen).....	25
4 A CONTRIBUIÇÃO DA DIMENSÃO EXISTENCIAL DO CUIDADO PARA A PRÁTICA DA ENFERMAGEM.....	27
4.1 ACOLHIMENTO DO OUTRO NA PRÁTICA DE ENFERMAGEM.....	27
4.2 O CUIDADO NA PRÁTICA DE ENFERMAGEM.....	28
4.3 DIÁLOGO E TRATAMENTO.....	29
5 CONCLUSÕES.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

O Cuidado é inerente ao ser humano desde os tempos primitivos. Ele pode ser considerado como parte essencial do processo de formação humana, como um modo de assegurar a manutenção da existência. Desde a mais tenra idade, o homem necessita de cuidados para sobreviver no mundo e para tornar-se humano.

O ser humano não possui desenvolvidos em sua estrutura biológica as capacidades de se manter vivo. Necessita de outrem para se alimentar, para se agasalhar, para aprender a andar, falar, assim por diante. Em todas essas situações, o Cuidado se faz presente e relaciona-se com duas instâncias: aquele que cuida e o que é cuidado.

Pretende-se neste trabalho fazer uma reflexão sobre a dimensão do cuidado nas práticas de saúde tomado em diálogo com a obra “*Ser e Tempo*”, de Martin Heidegger.

Para tal, no primeiro capítulo será abordado a concepção de corpo e saúde na antiguidade grega, onde tomaremos a Fábula de Higino como ponto central, para assim trabalhar o Cuidado a partir da visão antiga. Heidegger ao comentar a Fábula, considera que o ser-no-mundo, possui marca de cuidado na dimensão do Ser, cujo sentindo é entendido como Preocupação.

No segundo capítulo, trabalharemos o Cuidado do modo de ser no *dasein* de Heidegger, onde o filósofo, ao abordar a questão do Ser, o fez por um modo diferenciado de toda tradição filosófica desde Platão e Aristóteles. Ele procurou reformular a pergunta feita pelo Ser, o que o levaria a descobrir o ente que faz o questionamento pelo sentindo do ser, O ser-aí, o *Dasein*. O caminho trilhado neste capítulo é uma abordagem do itinerário feito por Heidegger para caracterizar o *Dasein* e sua postura relacional de cuidado para com outros ser-ai no mundo.

No terceiro capítulo, será feito um caminho hermenêutico caracterizando o Cuidado, no qual, Analisaremos a contribuição da dimensão existencial do cuidado para com a prática de enfermagem. Ao longo deste trabalho abordamos a experiência do “Cuidado” (preocupação-com) como expressão do modo de ser do homem em relação a outros semelhantes. Desde suas bases pré-ontológicas, o homem é um ser que está fadado a cuidar-se e a cuidar com solicitude dos demais homens.

Por isso, Heidegger recorre ao Mito do Cuidado de Higino, exatamente para ilustrar que a solicitude é marca do homem no mundo. Ela seria um cuidado integral, que abrange todas as dimensões do homem, seja seu corpo ou sua alma, no sentido de que, tudo deve ser cuidado diligentemente. Assim, neste diálogo com a caracterização do

Cuidado como modo de ser do *Dasein*, insistir-se-a em perscrutagem do acolhimento do outro, do cuidado e do diálogo tratamento na prática de Enfermagem à luz da *Preocupação-com* (Fürsorgen).

2 A CONCEPÇÃO DE CORPO E SAÚDE NA ANTIGUIDADE GREGA

2.1 A FÁBULA DE HIGINO

Na obra *Ser e Tempo*, Heidegger apresenta a concepção do “Cuidado” como modo de Ser do Dasein a partir de um relato mítico do escritor romano Higino.

Esse nome é associado a Caio Júlio Higino que viveu no século I da era Cristã. Denominado em muitas fontes “o liberto de Augusto”¹, por seu passado como escravo alcançou devido suas capacidades intelectuais, o posto de encarregado da biblioteca do Templo de Apolo, no monte Palatino, onde ensinou filosofia.

São atribuídos a Higino um livro de fábulas (*Fabulae*), que contém relatos sobre mitologia greco-romana, dentre as quais no “Mito 220”, encontra-se o intitulado “Mito de Cura” (conservado do latim original), ou “Mito de Cuidado” como há em algumas traduções, ou “Mito de Preocupação”². O mito apresenta como o corpo humano foi moldado por Cuidado e a briga entre os deuses Júpiter (Zeus) e Tellus (Terra) para nomear a obra criada pelas mãos do Cuidado.

Heidegger retoma este mito no §42 do capítulo VI do *Ser e Tempo*, ao abordar a confirmação da interpretação do Dasein como Preocupação, a partir da interpretação pré-ontológica que o Dasein dá de si, ou seja, uma interpretação anterior a qualquer tentativa do *ser-no-mundo* buscar seu entendimento por meio de conceitos racionais.

Certo dia, ao atravessar um rio, ‘Preocupação’ viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. ‘Preocupação’ pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, ‘Preocupação’ quis dar um nome à criatura que havia moldado Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e ‘Preocupação’ discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: “Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, ‘Preocupação’, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil. (HEIDEGGER, 2012, p. 551).

¹ Essa atribuição é dada por Suetônio, escritor romano do século I-II. (ALVES, 2013).

² O texto de onde extraiu-se este mito traduz a palavra “Cura” por “preocupação”, pois conserva o termo original do alemão “Sorge” para se referir a “Cura”. (HEIDEGGER, 2012).

Heidegger, ao comentar a fábula, considera que o ser-no-mundo, o *Dasein* possui a marca do Cuidado na dimensão do Ser, cujo sentido é entendido como “Preocupação”³. A aproximação do termo cuidado com preocupação pode ser percebida na segunda acepção do termo “cura”, que pode ser interpretada como cuidado, dedicação. “A condição existenciária da possibilidade de ‘preocupações da vida e de ‘dedicação’ (cuidado) a algo deve ser concebida como preocupação em sentido originário, isto é, ontológico.” (HEIDEGGER, 2012, p. 557).

Heidegger traz à luz o mito da Cura como um “testemunho pré-ontológico” do *Dasein* que se “expressa sobre si mesmo, ‘originariamente’, e não é determinado por inquietações teóricas”. É uma fundamentação existenciária, histórica, tal como Heidegger concebe o *Dasein* como ‘histórico’ no fundo de seu ser (HEIDEGGER, 2012, p. 549).

É o tempo que estrutura o ser originário da figura moldada por Cura. Assim Saturno decidiu. E Heidegger conclui:

Onde se deve ver o ser ‘originário’ dessa formação está a decisão de Saturno: no ‘tempo’. A determinação pré-ontológica da essência do homem expressa na fábula desde o início fixou assim o olhar no modo de ser que domina sua passagem temporal no mundo. (HEIDEGGER, 2012, p. 553).

Heidegger põe a fábula de Hígino como recurso de fundamentação de sua teoria da “Preocupação” como o modo de ser do *Dasein*. Essa fábula, mesmo sendo romana, do século I d.C, possui uma rica influência grega, pois possui suas bases fundamentais na visão mítica homérica e nas concepções filosóficas e científicas da Grécia Clássica.

2.2 O CORPO E SAÚDE NOS RELATOS MÍTICOS HOMÉRICOS

Na *Ilíada* e *Odisséia*, o corpo humano é constantemente referido mediante descrições de suas particularidades e órgãos, bem como de sua aparência. O primeiro modo pode-se observar nos relatos das inúmeras formas como os guerreiros são mortos em combate.

Então Diões, foi atingido na perna direita junto ao calcanhar por uma pedra lacerante; Fora o comandante dos Trácios que atirara, Piro, Tanto os nervos como os ossos a pedra impiedosa esmagou;E ele caiu para trás no pó, enquanto estendia as mãos aos queridos companheiros. A vida saía-lhe pela boca. Mas quem o atirara, Piro veio correndo, e desferiu-lhe um golpe junto ao umbigo. Logo todas as suas vísceras Se entornaram no chão e a escuridão cobriu-lhe os olhos. (HOMERO, 2013, p.198).

³ O termo “Preocupação” será mais bem abordado no próximo capítulo.

O outro modo de se referir ao corpo é como aparência. Tanto na *Ilíada* como na *Odisséia*, as peripécias divinas de Atena, Hermes, Posêidon, dentre outros deuses em contato com os humanos se dá na forma de disfarce, que são descritos com a expressão “assemelhando-se no corpo e na fala”. O termo em grego para designar corpo nesse caso é: “*δέμας*”⁴. “Porém Posêidon, que segura e sacode a terra, incitou os Argivos, depois de emergir no fundo do mar, assemelhando-se a Calcas no corpo e na voz incansável. (HOMERO, 2013, p. 383).

Também há algumas referências do corpo como cadáver. Como um corpo privado de vida. Há diversos relatos de batalhas na *Ilíada* em que os combatentes lutam sobre os corpos caídos no chão, ou arrastam os corpos para fora do campo de batalha. Nesses casos a maneira de se referir ao cadáver é “*νεκρος*” (cadáver) ou como “*αὐτόνεκρος*”⁵ (corpo sem vida). “Assim o deixou o sopro vital; e sobre seu corpo começou a luta penosa de Troianos e Aqueus: como lobos se atiravam eles uns aos outros e cada homem por outro homem era derrubado. (HOMERO, 2013, p. 197).

Fora dos ambientes de batalha, como na *Odisséia*, o corpo é relacionado ao termo “*σῶμα*” (*soma*), que quer dizer corpo dotado de vida, que representa o homem como todo, essa acepção é mais bem aproximada ao termo que comumente conhecemos.

A velha, ao reconhecer a cicatriz na ponta dos dedos, largou a perna. O bronze ressoou com a batida do pé que tombou na bacia. Inclinando-se o recipiente, a água entornada manchou o chão. Dor e alegria misturados turvaram a mente, os olhos se encheram de lágrimas, a voz trancou na garganta. Tocando o queixo do herói, falou: “És tu, meu filho, querido Odisseu. Eu não te reconheci! Foi preciso tocar o corpo do amo.” (HOMERO, 2011, p. 211).

No que se refere ao cuidado com o “corpo”, principalmente quando este é acometido por algum ferimento, temos alguns relatos na *Ilíada* que se referem a médicos, a práticas medicinais, a poções e a unguentos. Existe um trecho nos versos 183-219, que relatam como Macáon, filho do deus Asclépio (deus da medicina) cura Menelau de uma ferida causada por uma flecha.

O louro Menelau tranquiliza-o, falando dessa arte: ‘Ânimo irmão! Não consternes, sem causa, os guerreiros Aquivo. A seta, agora, não deu em lugar perigoso, porque antes foi pela malha detida, a couraça brilhante e o cinturão, que o bronzista forjou com bastante perícia’. Disse-lhe, então, em resposta, Agamémnon, rei poderoso: ‘ó Menelau, caro irmão, oxalá seja tudo assim mesmo! Que venha um médico, logo, explorar a ferida e cobri-la com salutíferas

⁴ Corpo como aparência. (MALHARAS, 2006, p. 203).

⁵ Corpo como cadáver. (PEREIRA, 1990, p. 779).

drogas, que possam da dor libertar-te'. Vira-se, então, para o arauto divino, Taltíbio, e lhe fala: 'Corre, Taltíbio, e nos traze, sem perda de tempo, Macáon, médico irrepreensível, o filho notável de Asclépio, para que o filho de Atreu, Menelau valoroso, examine, que um dos arqueiros de Tróia, ou da Lícia, feriu, com perícia, glória para ele, sem dúvida, mas, para nós mágoa imensa'. (HOMERO, 2013, p 185).

A prática curativa de Macáon associa o cuidado às feridas a uma ação misteriosa, ensinada como segredo, de pai para filho.

Quando, afinal alcançou o lugar onde estava o guerreiro filho de Atreu, vulnerado, cercado por todos os chefes, com divinal compostura avançou para o meio do círculo. A seta, então, sem demora, do cinto apertado retira, Ainda que as farpas agudas, quando ele puxou, se virassem. A malha, após, retirou, a couraça de aspecto brilhante e o cinturão que o bronzista, com muita perícia, forjara. Pondo patente a ferida que o dardo amargoso fizera, chupa-lhe o sangue, cobrindo-a, depois, habilmente, com bálsamo, cujo segredo Quirão, por afeta, a seu pai ensinara. (HOMERO, 2013, p 187).

Na época homérica, o cuidado com o “corpo”, como por exemplo, uma prática curativa era destinada à pessoa de forma integral. Não havia distinção entre uma ação que visava somente o “corpo”, como nós conhecemos atualmente, e outra que visasse somente à “alma”, à “psyche”. Há um relato na *Odisséia* em que Helena de Tróia trata as dores e os sofrimentos de Telêmaco, filho de Odisseu.

Outro feliz parecer teve Helena, de Zeus oriunda: deita uma droga no vaso do vinho de que se serviam, que tira a cólera e a dor, assim como a lembrança dos males. Quem quer que dela provasse, uma vez na cratera lançada, não poderia chorar, pelo menos um dia, mesmo que o pai ou a mãe cara privados da vida ali visse, ainda que na sua presença, com o bronze cruel, lhe matassem o filho amado ou o irmão e a que tudo ele próprio assistisse. (HOMERO, 2011, p.103).

A cura garante o restabelecimento das forças e o recobrimento dos ânimos. Somente quando a ação curativa abarca todas as dimensões humanas é que se pode considerar que houve um tratamento eficaz.

2.3 CORPO, ALMA E CUIDADO DA SAÚDE NOS DIÁLOGOS PLATÔNICOS

Com o surgir do saber filosófico, houve uma busca, num primeiro momento motivado pelos filósofos naturalistas, de explicar todas as coisas relativas ao universo a partir de um, princípio primeiro, ou de alguns princípios. Entretanto, por meio da virada socrática no século V a. C. houve uma preocupação de explicar todas as coisas, agora, relativas ao homem e à sua vida pelo viés de um princípio, a “*psyche*”.

Sócrates pretendia explicar todas as coisas relativas ao homem e a sua vida, reduzindo-os à unidade de um princípio, mas de tipo novo. Queria individuar a natureza e a essência do homem, e em função desta interpretar a vida do homem. E indicava justamente na *psyche*, entendida como consciência intelectual e moral, a natureza do homem (...). (REALE, 2002, p. 142).

Platão, no diálogo Alcibíades Maior, retoma o pensamento socrático e demonstra de forma mais clara a identificação do homem com a *psyche* e sua diferenciação com o corpo.

Sócrates- E não se serve o homem de todo corpo? Alcibíades- Certo. Sócrates- Mas não dissemos que uma coisa é quem se serve de algo, e outra coisa é aquilo de que ele se serve? Alcibíades- Sim. Sócrates- Uma coisa, portanto é o homem, outro o seu corpo. Alcibíades- Parece que sim. Sócrates- Que é, pois, o homem? Alcibíades- Não sei dizer. Sócrates- Isso, porém podes dizer que ele é o que se serve do corpo. Alcibíades- Sim. Sócrates- E o que é o que se serve do corpo senão a alma? Alcibíades- Não é outra coisa. (PLATÃO, 1980, p.239).

No diálogo acima, pode-se perceber uma distinção bem definida do corpo e da alma. Essas diferenciações podem ser observadas nos demais escritos platônicos, como o Fédon, Fedro, Crátilo, dentre outros. Essa distinção é comumente interpretada como negativa, pois enaltece a alma em relação ao corpo, que é considerado uma prisão da *psyche*. O trabalho filosófico de alcançar a verdade das ideias perfeitas consiste em empreender uma verdadeira busca pelo afastamento da alma do corpo. O sábio, para alcançar a verdadeira sabedoria, deseja a morte.

(...) por todo tempo que durar nossa vida, estaremos mais próximos do saber, parece-me quando nos afastarmos o mais possível da sociedade e união com o corpo, salvo em situações de necessidade premente, quando, sobretudo, não estivermos mais contaminados por sua natureza, mas pelo contrário nos acharmos puros de seu contato, e assim até o dia em que um deus houver desfeito esses laços.(PLATÃO, 1979, p. 68).

No que se refere à saúde do corpo, Platão é influenciado pela ciência médica hipocrática, de modo que, se apropria do conceito de saúde hipocrático e desenvolve sua filosofia da justa medida. Como nos assegura Reale:

O ponto de partida de Platão para a pesquisa e a definição de 'saúde' foi, sem dúvida, o da medicina, mas o que extraiu dela foi amplamente aprofundado e fundamentado nos princípios de sua filosofia, e até mesmo sobre aqueles fundamentos metafísicos que ele desenvolveu sobretudo nas suas 'doutrinas não-escritas'.(REALE, 2002, p. 186).

A teoria dos quatro humores de Hipócrates (460 a.C.), considerado o pai da medicina, encontra-se na coletânea de textos médicos da Antiguidade denominado “*Corpus Hipocráticus*” ou “*Coleção Hipocrática*”.

Esse conjunto de textos médicos, na verdade, reúne cerca de sessenta tratados médicos, cuja maior parte foi aparentemente redigida entre os anos 450 e 300 a.C. Devido apenas a esse fato, entende-se que todas as obras não puderam ser redigidas por um só indivíduo. Seu conteúdo varia amplamente nos temas abordados, discorrendo sobre embriologia, fisiologia, patologia geral e ginecologia, por exemplo. (CASTRO; FERNANDES, 2011).

No tratado “Da natureza do Homem”, a teoria dos quatro humores é apresentada e logo em seguida, a definição de saúde pode ser extraída por meio da harmonia desses humores.

O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e negra; esta é a natureza do corpo, através da qual adoece e tem saúde. Tem saúde, precisamente quando estes humores são harmônicos em proporção, em propriedade e em quantidade, e, sobretudo quando são misturados. O homem adoece quando há falta ou excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não se une aos demais. (LEITE, 2009, p.122).

Para Platão, saúde é a justa medida, a justa proporção, a harmonia natural. Nesse sentido, a enfermidade seria interpretada como a desarmonia, seja na falta ou no excesso de algo. “Parece-me, pois, que, para a ordem do corpo o nome seja saudável, que produz no corpo a saúde e todas as virtudes do corpo.” (PLATÃO, 1969, p. 48).

Também encontramos expresso no diálogo Górgias: “E como os artesãos, assim aqueles dos quais há pouco falamos, isto é, os que se dedicam aos cuidados do corpo, os professores de ginástica e os médicos, regulam e tornam harmônico o corpo”. (PLATÃO, 2006, p.171).

Platão surpreende com uma visão integral do homem, quando no diálogo Cármites, quando se refere aos médicos e suas práticas curativas.

Como talvez também ouviste dizer, a propósito dos melhores médicos, se alguém os procura porque tem mal nos olhos, eles lhe dizem que não se pode curar os olhos sozinhos, mas é preciso curar ao mesmo tempo também a cabeça se se quer que aqueles voltem a ser sãos, e que pensar que se pode curar a cabeça por si mesma, sem levar em conta o corpo todo no seu conjunto, é verdadeiramente insensato. (PLATÃO, [19--], p. 3).

Mas, se aplicar a teoria platônica de que o homem em sua inteireza é também sua alma, deve-se levar em consideração, no que diz respeito à cura, também a cura da alma.

(...)como não se pode curar os olhos sem examinar a cabeça, nem a cabeça independente do corpo, tampouco se pode curar o corpo sem a alma e que esta seria a razão pela qual aos médicos gregos escapa a maior parte das enfermidades, porque eles descuidariam de cuidar da totalidade do homem, que não estando em plena saúde, não é possível que a parte individual seja eficiente.(PLATÃO, [19--], p. 3).

2.4 O “DE ANIMA” DE ARISTÓTELES

Na fábula de Higino, Cuidado ou Preocupação, ao modelar um pedaço de barro, contempla a obra feita, e ao perceber a presença de Júpiter (Zeus), pede-lhe que sobre espírito nele, que lhe empreste espírito. Essa atitude de dar espírito, e um espírito proveniente de um deus, faz do pedaço de barro modelado um ser diferente dos demais.

Tem-se um ser feito de barro, proveniente da terra (húmus) e com um espírito divino. Um composto hilemórfico (matéria dada pelo barro e forma dada por Cuidado), mas com o diferencial de que possui ‘*anima*’ (alma, espírito).

Essa alegoria da formação do homem pode ser entendida pelo viés interpretativo do ‘De Anima’ de Aristóteles.

No tratado ‘De Anima’, profundamente marcado pela união da metafísica e das observações biológicas promovidas por Aristóteles, como a dissecação e a comparação de espécies, há a distinção entre os seres animados e inanimados. Essa distinção é marcada pelo princípio que dá vida: a alma.

Dizemos, por conseguinte, e assumindo desde já o início da discussão de um novo tópico para nossa investigação, que a vida é precisamente aquilo que pode distinguir o animado daquilo que não é animado. O termo ‘vida’, no entanto pode ser empregado em muitas acepções, podendo se dizer que uma coisa está viva, se nela se verificar existir uma das seguintes coisas: mente, sensação, movimento e repouso no seu lugar, além do movimento implícito na actividade da nutrição, na corrupção e no desenvolvimento.(ARISTÓTELES, 2001, p. 54.)

O que difere o homem dos demais animais, segundo Aristóteles, é sua faculdade intelectiva.

Por outro lado (...) verifica-se que alguns seres gozam da faculdade locomotora enquanto que outros possuem, para, além disso, faculdade discursiva e, ainda, ainda a faculdade do intelecto, como, por exemplo, o homem e todo aquele ser-se é que alguma vez poderá existir- de condição análoga ou superior. (ARISTÓTELES, 2001, p. 58)

O homem possui o desejo de conhecer, de compreender o que está ao seu redor e dentro de si. Conhecer nesse sentido nada mais é do que buscar pelo sentido das coisas. Essa busca pelo sentido é uma busca pela essência, pelo ser de algo.

A sentença empregada por quem alcançou o entendimento de algo sobre si ou sobre as coisas é sempre acompanhada pelo verbo “ser”: “Tal coisa é”; ou ainda: “Eu sou”. Somente o homem possui esse desejo metafísico de procurar o que define uma coisa, que faz dela ela mesma, e não outra coisa.

Em outras palavras, o homem diferencia-se dos demais seres no mundo por sua capacidade intelectual de buscar o ser das coisas dispostas no mundo. A busca pelo conhecimento é uma busca pelo sentido do ser das coisas, pelo sentido do Ser⁶.

Entretanto, Aristóteles definiu e conceituou o Ser ao empreender seu labor metafísico a partir da busca fundamental do homem pelo conhecimento do ser. Assim, a busca pelo sentido do ser foi esquecida e considerada obsoleta. “Sobre a base dos pontos-de-partida gregos da interpretação do ser construiu-se um dogma que não só declara supérflua a pergunta pelo sentido do ser, mas além disso, sanciona sua omissão”. (HEIDEGGER, 2012, p. 33)

A constatação de que o Ser havia se perdido foi expressa por Heidegger, no “*Ser e Tempo*”. Ele, por um caminho distinto de Aristóteles, um caminho hermêutico-fenomenológico, retomou as bases da investigação do Estagirita e, a partir da pergunta fundamental pelo sentido do ser, concluiu que havia um ser, lançado no mundo, um ser-aí que possui um diferencial sobre os demais entes, o “*Dasein*”, justamente por sua empreitada pelo sentido do “Ser”. Pelo sentido de seu ser. “O *Dasein* não é um ente que só sobrevenha entre outros entes. Ao contrário, ele é onticamente assinalado, pois para esse ente está em jogo em seu ser ele mesmo”. (HEIDEGGER, 2012, p. 59).

O “*Dasein*”, por ser jogado no mundo, depara-se com seu ser-aí no mundo, na existência temporal do cotidiano. “O *Dasein* sempre se entende assim mesmo, a partir da existência, a saber, a partir de sua possibilidade de ser si mesmo ou de não ser si mesmo”. (HEIDEGGER, 2012, p. 61). E demonstra-se como um ser de “Cuidado”, como “Preocupação”. Essa busca do “*Dasein*” pelo sentido do ser é por Heidegger expresso no livro “*Ser e Tempo*”, objeto de estudo do próximo capítulo deste trabalho.

⁶ Não é interesse desse trabalho perfazer todo o caminho de reflexão filosófica acerca do corpo, alma e cuidado. O que pretende-se fazer é um diálogo com Aristóteles e Heidegger sobre a busca pelo sentido do ser.

3 O CUIDADO COMO MODO DE SER DO DASEIN EM HEIDEGGER

Por meio da obra “*Ser e Tempo*”, Heidegger (1889-1976), ao abordar a questão do Ser, o fez por um modo diferenciado de toda a tradição filosófica desde Platão e Aristóteles. Ele procurou reformular a pergunta feita pelo sentido do ser, o que o levaria a descobrir o ente que faz o questionamento pelo sentido do ser: O *ser-aí*, o *Dasein*. E, ao se deparar com outros *Dasein* no mundo, desperta uma atitude de cuidado para com eles, um cuidado que possibilita aos demais *ser-aí* serem seres abertos à existência, serem livres de escolha.

Neste capítulo, será feita uma abordagem do caminho feito por Heidegger para caracterizar o *Dasein* e sua postura relacional de cuidado para com outros *ser-aí* no mundo.

3.1 A INVESTIGAÇÃO COMO PORTA DE ENTRADA PARA O DASEIN

Ao analisar a pergunta pelo sentido do ser, Heidegger se propõe, voltar-se para a estrutura formal de qualquer indagação, o que o levará a encontrar o *Dasein*.

Estrutura formal da investigação:

- a) Toda pergunta é uma busca, que por sua vez se torna investigação.
- b) Em toda pergunta há:
 - Aquilo de que se pergunta.
 - Aquilo a que se pergunta.
 - Aquilo que se pergunta...

Assim, aplicando a estrutura da investigação à questão do ser, Heidegger descobre o *Dasein*:

- a) *Aquilo de que se pergunta* na questão do ser é o ser, ou seja, o que determina o ente como ente. O ser do ente.
- b) *Aquilo que se pergunta*, é o sentido do ser, o conceito a qual o ente alcança a determinação do significado.
- c) *Aquilo a que se pergunta* é o próprio ente que se pergunta, o “perguntado”. Este ser é o “*Dasein*”.

O perguntar dessa pergunta, como *modus-de-ser* de um ente, é ele mesmo essencialmente determinado pelo perguntado, por aquilo de que nele se pergunta-pelo ser. Esse ente que somos cada vez nós mesmos e que tem, entre outras possibilidades de ser, a possibilidade de ser do perguntar, nós o apreendemos terminologicamente como *Dasein*. (HEIDEGGER, 2012, p. 47).

3.2 DASEIN: SER ABERTO À EXISTÊNCIA

O Dasein, por colocar-se como questão a si mesmo, significa que seu ser não é determinando, é pelo contrário um poder-ser, ou seja, um conjunto de possibilidades a serem realizadas, a fim de que o ser humano possa assumir ou não a sua existência como projeto.

O *Dasein* sempre se entende assim mesmo, a partir da existência, a saber, a partir de sua possibilidade de ser si mesmo ou de não ser si mesmo. Essas possibilidades o Dasein ou as escolheu ele mesmo ou nelas foi ter ou nelas já cresceu cada vez. A existência é decidida cada vez, só pelo próprio *Dasein* ou no modo de uma apropriação da possibilidade ou de um deixar que ele se perca. (HEIDEGGER, 2012, p. 61).

Exatamente porque o Dasein é um poder-ser, seu modo de ser não é o de uma realidade objetivamente dada ou essencialmente determinada. Heidegger, retomando as palavras de Scheler diz: “Segundo Scheler, a pessoa nunca deve ser pensada como uma coisa ou como uma substância; ela é ‘ao contrário, a *unidade* imediatamente co-vivida do vivenciar-e não uma coisa somente pensada por trás e fora do imediatamente vivido””. (HEIDEGGER, 2012, p. 155).

Para Heidegger, a pessoa não é “um ser substancial de coisa. Além disso, o ser da pessoa não pode esgotar-se no ser sujeito de atos racionais sujeitos a certa legalidade” (HEIDEGGER, 2012, p. 155).

O que leva a considerar o homem como um poder-ser no mundo. E isso o angustiará.

Diferentemente do medo, que possui um objeto específico que causa o terror, a angústia (*Angst*) é algo indeterminado. O “mundo” enquanto tal produz essa angústia. Se define o Dasein como “ser-no-mundo”, o que angustia é seu “ser-no-mundo”, no mundo.

Ela projeta o Dasein de volta naquilo a qual ele se angustia: seu próprio ser no mundo. A angústia abre o ser do Dasein como ser possível.

A angústia isola o Dasein em seu ser-no-mundo mais-próprio que, como entendedor, se projeta essencialmente em possibilidades. Com o porquê do se angustiar a angústia abre, portanto, o Dasein como ser possível, ou melhor, como aquele que unicamente a partir de si mesmo pode ser como isolado no isolamento. (HEIDEGGER, 2012, p. 525).

Ao isolar o Dasein, a angústia o desvia de sua postura com o mundo, como um espaço repleto de objetos que devem ser utilizados segundo a serventia para o homem (ocupar-se), para dentro de si mesmo, encontre manifestas “a propriedade e impropriedade como possibilidades de seu ser.” (HEIDEGGER, 2012, p. 533).

A partir da angústia, como abertura de possibilidades e como um encontrar-se a partir de si mesmo, Heidegger no § 41 do VI capítulo do Ser e Tempo, apresenta o Ser do Dasein como “cuidado” (preocupação).

3.3 AS TRÊS CARACTERÍSTICAS DO SER DO DASEIN

A angústia é analisada em sua totalidade no § 40 do VI capítulo do “Ser e Tempo”, levando em conta seu conteúdo conjunto do:

- a) angustiar-se: encontrar-se como um modo de ser-no-mundo;
- b) o diante-de-quê da angústia: um ser-no-mundo decaído no plano da inautenticidade e banalidade das coisas;
- c) o porquê da angústia: um poder ser-no-mundo (liberdade de possibilidades).

A estrutura da angústia levou Heidegger a considerar que o “fenômeno completo da angústia mostra, por conseguinte, o *Dasein* como ser-no-mundo existindo factualmente.” (HEIDEGGER, 2012, p. 535). A partir do ser-no-mundo existindo factualmente, Heidegger estipula três caracteres fundamentais ontológicos do *Dasein*:

- a) Existencialidade;
- b) Factualidade;
- c) Ser-do-decair.

Por conseguinte, essas três dimensões estão intimamente unidas entre si, de modo que elas não pertencem como “partes suas a um *compositum* ao qual uma delas poderia as vezes faltar, nele urdindo porém, como uma conexão originária constitutiva da busca da totalidade do todo estrutural.” (HEIDEGGER, 2012, p. 535).

- a) Existencialidade: remete-se o poder-ser do *ser-aí*, a liberdade de fazer escolhas levando-o cada vez mais além de si mesmo, “ser-adiantado-em-relação-a-si”.
- b) Factualidade: se o ser do Dasein é um poder-ser, um “ser-adiantado-em-relação-a-si”, ele o é em, ou seja, em algum lugar. Em que lugar? No mundo. O *Dasein* é um ser lançado no mundo. O *Dasein* é um “ser-adiantado-em-relação-a-si-no-mundo”.

“Em, outros termos: o existir é sempre factual. A existencialidade é essencialmente determinada pela factualidade.” (HEIDEGGER, 2012, p. 537).

- c) Ser-do-decair: é a fuga do *Dasein* diante do estranhamento dele mesmo, motivado pela angústia. É a atitude de fixar-se somente nas vicissitudes banais da existência. Por isso é fundamentalmente marcado pela ocupação. Ocupação entendida aqui como a postura do *Dasein* em relação aos objetos do mundo como utilizáveis. Como utensílios em função do *Dasein* no mundo. “No ser-adiantado-em-relação-a-si-em-um-mundo está essencialmente concluído o ser que decai junto ao utilizável do interior-do-mundo”.

Essas três dimensões do ser do *Dasein*, apresentadas como um todo-estrutural ontológico compreendem o termo “Preocupação”. Para Heidegger, essa terminologia é apreendida da seguinte forma:

Portanto, a totalidade existencial de todo estrutural ontológico do *Dasein* deve ser formalmente apreendida na seguinte estrutura: o ser do *Dasein* significa: ser-adiantado-em-relação-a-si-em(-o-mundo) como ser-junto-(ao-ente-do-interior-do-mundo que vem-de-encontro). Esse ser preenche a significação do termo preocupação. (HEIDEGGER, 2012, p. 539).

3.4 AS DUAS POSTURAS DO DASEIN NO MUNDO: OCUPAÇÃO E PREOCUPAÇÃO COM O OUTRO

Ao evidenciar o ser do *Dasein* como “Preocupação”, no sentido de um ser aberto a possibilidades (*ser-adiantado-em-relação-a-si*), jogado no mundo das relações, Heidegger não isola o *Dasein* em si mesmo, uma vez que, o ser-aí, movido pela angústia, não consegue encontrar uma definição pra si, se percebe junto a: “ao ente do interior do mundo que vem de encontro”. Esse ente pode ser um ser-aí ou qualquer outro ente no mundo.

De acordo com cada encontro, há uma postura do *Dasein* marcada pela “Preocupação”, pelo cuidado. Se o *Dasein* se relaciona com entes utilizáveis, será marcado pela “ocupação” (*Besorgen*), se for com os outros “*Ser-aí*”, Será pela “preocupação-com-o-outro” (*Fürsorge*).

3.4.1 A ocupação (*Besorgen*)

Como dito anteriormente, a “ocupação” se refere à postura do *Dasein* em relação aos objetos do mundo como utilizáveis. Como utensílios em função do *Dasein* no mundo.

“Porque pertence essencialmente ao Dasein o ser no mundo, seu ser em relação ao mundo é essencialmente ocupação”. (HEIDEGGER, 2012, p. 181).

Os objetos, as coisas, são percebidas pelo *Dasein*, pois elas não possuem a característica fundamental própria do *Dasein*: A questão do ser. O ser dos entes já está determinado, fechado em si. Por isso os entes, no mundo “vem de encontro” ao *Dasein* no ocupar-se.

Suas possibilidades são definidas pelo Dasein mediante o trato do cotidiano, percebido como um *ser para*. O que Heidegger designa como “Instrumento”. “Denominamos instrumento o ente que-vem-de-encontro no ocupar-se. No trato pode se encontrar o instrumento para escrever, para costurar, para trabalhar (ferramenta), para viajar, (veículo), para medir.” (HEIDEGGER, 2012, p. 211).

Os entes, utilizados pelo Dasein encontram-se em seu ser ao serem usados em função de sua própria função. Para Heidegger, o “olhar” no sentido teórico não consegue captar em sua totalidade o ser dos entes. Somente quando são utilizados podem ser apreendidos em sua totalidade.

Somente porque o instrumento tem esse ‘ser-em-si’, não se limitando a apenas ocorrer, é ele manejável em sentido amplo e disponível. Por mais agudo que seja o *olhar* olhando apenas para este ou aquele ‘aspecto’ das coisas, ele não é capaz de descobrir o utilizável. (HEIDEGGER, 2012, p. 213).

Heidegger prossegue tomando, por exemplo, a confecção dos instrumentos que se destinam a algo, o para quê. Nesse processo de construção do objeto, seu modo de ser se aclara. “A obra a ser-produzida como o para-quê do martelo, da plaina, agulha tem, por seu lado, o modo-de-ser do instrumento. O sapato a ser produzido é para ser calçado(instrumento de calçar), o relógio pronto é pra ver-o-tempo.”(HEIDEGGER, 2012, p. 215).

O instrumento também revela um modo de ser do Dasein na medida que é utilizado por ele. “Com a obra, portanto, não vem-de-encontro somente o ente que é utilizado, mas também o ente do modo-de-ser do homem, em cuja ocupação o produzido se torna utilizável.”(HEIDEGGER, 2012, p. 217).

O homem pode se identificar com as ocupações que faz. Com as atividades e com a utilização dos instrumentos. Isso pode ser verificado quando há a aceitação da empregabilidade dos instrumentos e dos serviços à identidade do homem: Eu ‘sou’ sapateiro (produtor de sapatos-instrumento de calçar). “O Dasein encontra de imediato a

‘si mesmo’ no que faz, naquilo de que necessita no que espera e evita-no utilizável do mundo ambiente do qual se ocupa”. (HEIDEGGER, 2012, p. 345).

Como visto anteriormente, essa identificação, se cristalizada, fechada a outras possibilidades, demonstra um estado de “queda” e inautenticidade, como fuga do *Dasein* diante de si mesmo, aberto ao devir, a liberdade do poder-ser.

3.4.2 A Preocupação com o outro (Fürsorgen)

Bem outra é a atitude do *Dasein* com relação ao seu semelhante: o outro. O *Dasein* não se relaciona com ele como um utilizável, como um objeto à disposição cujo ser se destina a servir ao outro como um instrumento. O *Dasein* se percebe com outros *Dasein* no mundo, um “ser-com” (*Mitsein*). Um “ser-aí” no mundo com outros “ser-aí”.

O mundo do *Dasein* põe-em-liberdade, por conseguinte, um ente que é não somente diverso do instrumento das coisas em geral, mas, conforme o seu modo-de-ser *como Dasein*, é ele mesmo ‘no’ mundo, no modo de ser-no-mundo, em que ele ao mesmo tempo vem-de-encontro no interior do mundo.(HEIDEGGER, 2012, p. 343).

O caráter do ocupar-se não pode, segundo Heidegger, convir com o “ser-com”(*Mitsein*). “Desse ente o *Dasein* não se ocupa, pois com ele se preocupa.” (HEIDEGGER, 2012, p. 351).

Essa expressão para Heidegger se refere a totalidade-estrutural-originária e “reside existencialmente a priori, antes, isto é já sempre em cada comportamento factual e situação do *Dasein*”. (HEIDEGGER, 2012, p. 341).

A preocupação é o modo estrutural de ser do *Dasein* que antecede a postura dele com os demais entes (ocupação) e com outros *Dasein* (preocupação-com). Ela está ligada a projeção do *Dasein* no mundo. Preocupação é a projeção das possibilidades do ente pelo do *Dasein* no mundo. “Um ente é entendido, isto é, projetado em sua possibilidade, é apreendido no querer como um ente do qual se ocupar ou como um ente a ser conduzido a seu ser pela preocupação-com-o-outro.” (HEIDEGGER, 2012, p. 543).

A preocupação com o outro seria a relação que procura manter o vir-a-ser do *Dasein*, a liberdade das possibilidades do outro. “A *perfectio* do homem, o vir-a-ser o que ele pode ser em seu ser livre para suas possibilidades mais-próprias (no projeto), é uma ‘realização’ da ‘preocupação’.”(HEIDEGGER, 2012, p. 545).

Preocupar-se com o outro é deixá-lo ser ele mesmo, um ser aberto à liberdade do

poder-ser. Um ser aberto à existência.

A solicitude do cuidado com o outro, ou seja, a “preocupação-com” é um elemento constitutivo do homem. Faz parte de seu “modo-de-ser”. Quando este se relaciona com os outros, a marca da preocupação, do cuidado evidencia-se. Esse conceito heideggeriano ilumina a postura do homem em relação ao outro, pois é uma visão otimista da alteridade e pode servir como um importante contributo para as práticas profissionais da enfermagem, tema do próximo capítulo.

4 A CONTRIBUIÇÃO DA DIMENSÃO EXISTENCIAL DO CUIDADO PARA A PRÁTICA DE ENFERMAGEM

Ao longo deste trabalho abordou-se a experiência do “Cuidado” (preocupação-com) como expressão do modo de ser do homem em relação a outros semelhantes. Desde suas bases pré-ontológicas, o homem é um ser que está fadado a cuidar-se e a cuidar com solicitude dos demais homens.

Por isso, Heidegger recorre ao Mito do Cuidado de Higino para ilustrar que a solicitude é marca do homem no mundo. E é um cuidado integral, que abrange todas as dimensões do homem, seja seu corpo ou sua alma, tudo deve ser cuidado diligentemente. Em diálogo com a caracterização do Cuidado como modo de ser do *Dasein*, neste capítulo haverá uma abordagem do acolhimento do outro, do cuidado e do diálogo tratamento na prática de Enfermagem à luz da *Preocupação-com* (Fürsorgen).

4.1 ACOLHIMENTO DO OUTRO NA PRÁTICA DE SAÚDE

Com relação à acolhida deste ser-no-mundo, deste ser lançado no tempo e no espaço, devemos ter bem definido o que é acolhimento no campo da saúde. O acolhimento, como ato, exprime recepção, aceitação, admissão. Em nossos dias, nas relações humanas acolher significa ter atitude de ir até o outro, ter atitude.

Quando acolhemos o outro, principalmente no campo da saúde, devemos acolher este ser como o seu todo. Afeto, calor, cordialidade, hospitalidade, são palavras chaves e fundamentais para uma boa abordagem.

A acolhida no campo da saúde refiro aqui, profissional da área e paciente, compreende conteúdos multiformes, difíceis de reduzir as técnicas das ciências humanas. Mais sim, uma acolhida que se destina a desbloquear a pessoa nos momentos de crise revigorando-a na sua dimensão total.

Podemos destacar alguns pontos importantes para que esta acolhida seja total: a aproximação do outro como ser total, a saudação como primeiro dialogo, a explicação do que será feito, diante do paciente, escutá-lo empaticamente, oferecer ajuda colocando-se à disposição, além e dar ao paciente liberdade.

É preciso aproximar-se do outro de forma humana e gratuita, sem nada a esperar, sentir-se hospedado por ele, ou seja, pensar na relação como acontecimento ético e libertados dos sujeitos. Não há outra forma de se pensar hospitalidade sem que parta do

outro” eu-outro”. (BOFF, 2005). Isto implica fazer a experiência do encontro, espaço de construção. Contudo, o cuidado, de forma idealizada, recebido/vivido pelo paciente é a somatória de um grande número de pequenos cuidados parciais que vão se tornando totais.

4.2 O CUIDADO NA PRÁTICA DE ENFERMAGEM

O cuidar em enfermagem caracteriza-se em conhecer e atender as necessidades do ser a ser cuidado, em dar oportunidade a ele de cuidar-se e de desenvolver seu potencial de cura. Como é apontado por Maria José de Lima, ao conceituar a Enfermagem.

Enfermagem é uma ciência humana, de pessoas e de experiências com campo de conhecimento, fundamentações e práticas do cuidados seres humanos que abrangem do estado de saúde aos estados de doença, mediada por transações pessoais, profissionais, científicas, estéticas, éticas e políticas. (LIMA, 2005, p. 71).

No que tange à Enfermagem, a abordagem do cuidado como sua dimensão fundante não associa única e exclusivamente ao profissional da saúde a prática do cuidado, pois o “cuidar” antecede historicamente e existencialmente a ciência. O cuidar é uma das razões da existência da enfermagem, mesmo que esta, não seja uma ação exclusiva da Enfermagem.

O cuidado existe desde que há vida humana e, como atos de humanidade, é por meio dele que a vida se mantém. Durante milhares de anos, não esteve associado a nenhum ofício ou profissão e sua história se constrói sob duas orientações que coexistem, complementam-se e se geram mutuamente: cuidar para garantir a vida e cuidar para recuar a morte. (COELHO; FONSECA, 2005, p. 214).

Contudo, a Enfermagem possui vários requisitos e atributos que a distinguem, e a caracterizam por ser uma profissão de ajuda na qual o conceito de cuidado é genuíno.

A Enfermagem tem como princípio básico o cuidado com o ser humano na sua totalidade e, de acordo com sua natureza, reconhecendo como ser em possibilidade, potencialidades e capacidade para agir e decidir, observando sua individualidade, necessidades, expectativas e realidades.

Isso se pode constatar ao consultar o Código de Ética dos profissionais de Enfermagem, elaborado pelo Conselho Federal de Enfermagem, que traz em seus Princípios Fundamentais:

O profissional de enfermagem respeita a vida, a dignidade e os direitos humanos em todas as suas dimensões. O profissional de enfermagem exerce suas atividades com competência para a promoção do ser humano na sua integralidade, de acordo com os princípios da ética e da bioética. (RESOLUÇÃO, 2007).

O cuidado às pessoas por parte da Enfermagem se aproxima da visão grega de tratamento ao doente pelas práticas medicinais hipocráticas. Como visto no primeiro capítulo, Platão no Fedro assinala que o perfeito tratamento do corpo pela ação do médico só é possível se trata a alma. Se trata o ser completo.

O modo de interpretar o cuidado pela Enfermagem é enriquecido pela concepção heidegarina de preocupação (*Fürsorgen*) que caracteriza o modo de ser autêntico do dasein, convertendo-se assim em *Mitsaein*, *ser-aí-com*.

Mas, o ser humano vive também no Mundo com outros entes que têm um modo de ser como o do Dasein. Nesse caso, o Dasein é um *Mitdasein*, que significa: um ser-aí-com. Em relação a esses outros entes, que, como o Dasein, são lançados no mundo para se tornarem propriamente si mesmos, o cuidado toma a dimensão de uma solicitude ou de uma preocupação, de um *Fürsorgen*. Com esses entes, o ser humano não apenas se ocupa, mas se preocupa e para eles dirige sua atenção e deles cuida com dedicação afetiva e com solicitude. Na preocupação nós não apenas nos ocupamos com os outros, mas com eles criamos laços afetivos de solicitude e de dedicação. Na ocupação lidamos com objetos, na preocupação e solicitude lidamos com sujeitos, que no mundo devem assumir sua existência. (ROCHA, 2010, p.17).

Enfermagem, gente que cuida de gente. O trabalho da Enfermagem se fundamenta num profundo respeito para lidar com o “ser humano- pessoas”. Esse é seu compromisso profissional e sua dimensão ética.

O cuidado exige conhecimento, dedicação, zelo e amor, é fruto de um trabalho sensível e humano, que fortalece sentimentos da relação entre quem cuida e é cuidado.

Cuidar do outro não é só cuidar do corpo; é também cuidar da mente e emoção, é um lidar constantemente com as subjetividades que estão colocadas na relação trabalhador da enfermagem e usuário deste cuidado. Assim, o profissional de Enfermagem que cuida na sua inteireza vai também buscar os sentimentos, vai dialogar.

4.3 DIÁLOGO E TRATAMENTO

Em um consultório, diante de uma pessoa que se encontra em estado passível de tratamento, há outra cuja função é cuidar, tratar. Entre aquela que necessita de cuidados e

outra que pode desempenhar o papel curador, existe em um primeiro momento um vácuo, um vazio. Isto se dá também, uma vez que os profissionais da saúde não conseguem estabelecer um laço de diálogo com o paciente.

Gadamer (2009), ao abordar a dimensão das práticas curativas dos médicos na obra “*OMistério da saúde: o cuidado da saúde e a arte da medicina*”, associa como parte fundamental do tratamento médico a experiência do diálogo. “Em todo caso, na área da medicina, o diálogo não é uma simples introdução e preparação do tratamento. É já tratamento e prepara uma segunda etapa sua, que deve desembocar na cura.” (GADAMER, 2009, p 143).

Ao associar diálogo ao tratamento, ele aborda o tratamento unido à experiência dialogal entre paciente e médico.

Em que consiste tratar? Pelos vistos em tratar corretamente alguém. Penso que consiste antes em falar ao outro de bom modo, não obrigar a aceitar algo, por exemplo uma medida ou uma prescrição. Quer que se trate da forçosa aplicação das normas dos aparelhos de medição modernos, do despotismo educativo de um funcionário escolar ou da fúria autoritária de um professor ou de um pai, qualquer dessas situações significa desconhecer o outro no seu ser diferente. (GADAMER, 2009, p 125).

Vejamos como é importante a linguagem, o diálogo entre o paciente e o médico para que se tenha um bom êxito nas práticas de saúde. A seguir, serão apresentados trechos de um relato de caso abordado por José Ricardo de Mesquita Ayres, do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP, no artigo “O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde”.

Assim que a chamei, D. Violeta veio, uma vez mais, reclamando da longa espera, do desconforto, do atraso de vida que era esperar tanto tempo. (...) Após entrar no consultório com D. Violeta, me sentar e esperar que ela também se acomodasse, fechei o prontuário sobre a mesa, que pouco antes estivera consultando, e pensei: ‘Isto não vai ser muito útil. Hoje farei com D. Violeta um contato inteiramente diferente’. (AYRES, 2004, p.17).

A pergunta chave para esta história é: O que fez o doutor de diferente? Estamos acostumados não raras vezes chegar a consultórios e pela correria que se tem os médicos não dar a mínima atenção aos pacientes que vão ser atendidos. O relato nos convida a observarmos como um olhar, uma acolhida, um gesto de carinho, pode dar outro sentido a algo que pareça usual. Um sentido existencial.

No relato, podemos perceber que D. Violeta frequenta bastante o posto médico,

porém podemos perceber que ambos os lados não estão satisfeitos; D. Violeta pela hostilidade dos profissionais e os profissionais pela hostilidade de D. Violeta. Há uma lacuna existente. Esta lacuna é muito bem representada com a “correria” no qual o “ser” esta emergido. É assombroso quando o caso de D. Violeta repete-se todos os dias com outras D. Violetas e com tantos profissionais da área de saúde.

Mas, o que fez desse encontro um encontro diferente justamente foi o próprio “encontro”. Ele, além de ser, mais um plantão do médico de D. Violeta, saiu do plano teórico (prontuário) e atingiu o plano humano (o outro).

Mais do que uma ficha de prontuário contendo diagnósticos, exames, dietas, sintomas e remédios passou a ter uma preocupação maior o significado da própria presença de um diante do outro. D. Violeta e seu Médico, naquele espaço e naquele tempo.

Naquele momento em que foi fechado o prontuário, fora nutrido em ambos uma busca de uma totalidade existencial que permitiu dar significado não apenas a saúde, mais a um próprio projeto de vida que, por alguma razão, era tão difícil para D.Violeta se encontrar consigo mesma.

Para espanto da minha aborrecida paciente não comecei com o tradicional ‘Como passou desde a última consulta?’. Ao invés disso, prontuário fechado, caneta de volta ao bolso, olhei bem em seus olhos e disse: ‘Hoje eu quero que a senhora fale um pouco de si mesma, da sua vida, das coisas de que gosta, ou de que não gosta... enfim, do que estiver com vontade de falar’.(AYRES, 2004, p.17).

O que vale a pena ressaltar é que não é só o “falar”, mas também a forma como se “escuta” o outro faz a diferença. O que é preciso perceber então, é que o importante para a humanização é a abertura do técnico ao não-técnico, ou seja, o diálogo das duas dimensões interligadas. Foi este diálogo entre médico e paciente que se tornou possível um plano mais autêntico e afetivo. Um novo gesto que ressignificou a saúde.

Minha aturdida interlocutora me olhou de um modo como jamais me havia olhado. Foi vencendo aos poucos o espanto, tateando o terreno, talvez para se certificar de que não entendera mal, talvez para, também ela, encontrar outra possibilidade de ser diante de mim. Dentro de pouco tempo, aquela mulher já idosa, de ar cansado— que o característico humor acentuava, iluminou-se e pôs-se a me contar sua saga de imigrante. (AYRES, 2004, p.17).

O diálogo que o profissional de saúde e o paciente devem travar entre si não possui apenas o significado de anamnese. Esta é uma variante que faz parte da conversação, ”sobretudo por que o paciente deseja recordar e falar de si mesmo”. (GADAMER, 2009, p

151).

O diálogo o paciente e aquele que cuida não deve somente perpassar pela relação doença-paciente. A conversa não pode girar em torno dos aspectos sintomáticos de uma doença, pois assim procedendo, a relação entre os dois participantes será uma relação de ocupação.

O médico, ou enfermeiro serão os encarados como aqueles que possuem as técnicas de cura e os instrumentos para aliviar a dor. Por sua vez, o paciente será visto como um objeto passível de conserto, um corpo com mal funcionamento que necessita de uma ação para restabelecer seu organismo em suas funções normais.

Não me recordo mais se ela ainda voltou a reclamar alguma vez de demoras, atrasos etc. Sei que uma consulta nunca mais foi igual à outra, e eram de fato ‘encontros’, o que acontecia a cada vinda sua ao serviço. Juntos, durante o curto tempo em que, por qualquer razão, continuamos em contato, uma delicada e bem-sucedida relação de cuidado aconteceu. Receitas, dietas e exercícios continuaram presentes; eu e ela é que éramos a novidade ali. (AYRES, 2004, p.18).

Gadamer (2009) apresenta que o bom êxito da ação dialogal possibilita o reestabelecimento do equilíbrio entre a dor e o bem estar do indivíduo. Quando assim se chega ao diálogo, como “quando na conversação nos pomos de acordo com os outros, estimulamos de novo o permanente equilíbrio entre a dor e o bem-estar, a experiência incessantemente repetida da recuperação do equilíbrio”. (GADAMER, 2009, p 151).

Desse modo, D. Violeta e o médico por meio do diálogo, se reapropriaram do seu próprio ser. D. Violeta como indivíduo livre, dotado de uma história, com sentimentos, com uma cultura e o médico, também com todas essas características. Os dois demonstraram, no diálogo terapêutico, o *Ser-aí-com* (Mitsain).

Nos encontros em que a marca do cuidado aparece, as referências indentitárias vão se transformando, reconstruindo continuamente a percepção do *ser-aí* no mundo e do outro. Com isso, surgem possibilidades mais ricas para trazer elementos capazes de tornar mais precisos e eficazes os procedimentos de cuidado e autocuidado.

Do ponto de vista existencial, o Cuidado se acha a priori, antes de toda situação do ser humano, o que ele se acha em toda atitude e situação de fato. Quer dizer, o Cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano. Como nos relata Higinio, em sua fábula, transcrito por Heidegger: o homem foi formado, modelado por Cuidado (*Cura*) e a ela foi destinado enquanto viver ficar sob seus cuidados. O Cuidado assim entra na natureza e na

constituição do ser humano.

O modo de ser Cuidado revela de maneira concreta como é ser humano. Cuidar implica ter intimidade, acolher, respeitar a liberdade do outro, deixar que o outro seja de fato, outro. Cuidar é entrar em sintonia consigo mesmo e com o outro.

5 CONCLUSÃO

Conjugar a arte do cuidar do paciente (outro), com o curso de Filosofia, sempre foi uma de minhas grandes inquietação, desde o primeiro dia de aula. Portanto, pensar o plano das ideias e do sensível (concreto), conjugá-los e direcioná-los no sentido de se sugerir um novo olhar, bem como uma nova práxis do cuidar, constitui a intenção primeira desta pesquisa monográfica.

Obviamente, conceber o tema do trabalho foi tarefa bastante difícil. Não obstante, ao lançar mão das intuições de Heidegger acerca do Dasein e de seus modos de ser (outro), vimos uma boa possibilidade de levar à cabo os propósitos de nosso estudo. Assim, chegamos à temática central: “O Ser que cuida e é cuidado na perspectiva do Dasein de Heidegger”. Daí por diante, foi pensado o caminho do cuidado, desde os tempos da antiguidade grega até os dias atuais, com todas as dificuldades encontradas para que, o Outro se perceba como Ser inteiro e não fragmentado (De igual maneira, para que se perceba o outro nesta perspectiva, afinal, aqui se vislumbra a reciprocidade da ação).

Nesta direção, no primeiro momento, foi trabalhado a Fábula de Higino a partir da obra o Ser e Tempo de Heidegger, na qual, considera-se que o ser-no-mundo, o Dasein, possui a marca do cuidado na dimensão do preocupar-se com o outro e consigo mesmo, sendo esta, uma marca originaria do próprio Ser.

Este cuidado, por sua vez, deve ser empregado num ser, num corpo. Por isto, foi trilhado o caminho até a época homérica. O cuidado com o corpo era, aqui, destinado a pessoa na sua forma integral. Observamos que não havia distinção entre a ação que visava somente o corpo e outra que visava somente a “alma”. Eram tratadas as duas coisas juntas, visando o restabelecimento das forças e o recobrimento dos ânimos. Donde se conclui que, somente quando a ação curativa abarca todas as dimensões humanas é que se pode considerar que realmente houve um tratamento eficaz.

Num segundo momento, foi trabalhado a questão do Ser propriamente dito. Em sua obra “*Ser e Tempo*”, Heidegger, ao abordar a questão do Ser, o fez por um modo diferenciado de toda a tradição filosófica desde Platão e Aristóteles. Ele procurou reformular a pergunta feita pelo sentido do ser, o que o levaria a descobrir que, quem faz o questionamento pelo sentido do ser deve possuir uma abertura fundamental, isto é, não estar preso ao seu próprio ser, não ser por ele objetivado.

Esta, portanto, foi a linha de raciocínio que o conduziu à concepção de O *ser-aí*, o

Dasein, o ente que possui um privilégio ôntico em relação aos demais entes. Este ente, por sua vez, teria como horizonte o próprio mundo no qual se encontra. Não obstante, tão cedo ele descobre que este mesmo mundo não seria uma exclusividade sua (existem vários entes humanos que se apropriam do mesmo). Assim, ao se deparar com outros *Dasein*, como que despertaria por parte do ente humano *uma atitude de cuidado para com eles, um cuidado que possibilitaria aos demais ser-aí* abrirem-se à existência, serem livres para escolher. Por esta razão, julgamos oportuno percorrer o caminho feito por Heidegger para caracterizar o *Dasein* e sua postura de relação de cuidado para com os outros ser-aí no mundo.

Por fim, após havermos analisado os conceitos acima, procuramos analisar a contribuição da dimensão existencial do cuidado para a prática de enfermagem. Ora, pois, o cuidar na enfermagem caracteriza-se (ao menos em tese) exatamente em conhecer e atender as necessidades do ser a ser cuidado, em dar oportunidade a ele de cuidar-se e de desenvolver seu potencial de cura.

O cuidado às pessoas por parte da Enfermagem se aproxima da visão grega de tratamento ao doente pelas práticas medicinais hipocráticas. Como visto no primeiro capítulo, Platão no Fedro assinala que o perfeito tratamento do corpo pela ação do médico só é possível se trata a alma. Se trata o ser completo.

Assim, entendemos que o modo de interpretar o cuidado pela Enfermagem pode ser enriquecido pela concepção heideggeriana de preocupação (*Fürsorgen*), esta que caracteriza o modo de ser autêntico do *dasein*, convertendo-se assim em *Mitsaein, ser-aí-com*. Disso decorre que, cuidar do outro não é só cuidar do corpo; mas também cuidar da mente e da emoção, é um lidar constantemente com as subjetividades que estão colocadas na relação trabalhador da enfermagem e usuário deste cuidado. A vista disso pensamos que seria muito profícuo ao profissional de Enfermagem que pretenda cuidar na sua inteireza, pautar sua prática terapêutica em tais pressupostos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ALVES, Digo Martins. **Em busca do mito perdido: argumentos singulares da fábula de Higino**. Sem data. Disponível em: <<http://www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xviiiicongresso/paineis/060196.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

ARISTÓTELES. **Da alma** (De Anima). Lisboa: Edições 70, 2001.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 3, set./dez. 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000300003&lng=en&nrm=iso&tlng=PT>. Acesso em: 16 out. 2013.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes. 2005.

CASTRO, Fabiano S.; FERNANDES, J. Landeira. Alma, corpo e a antiga civilização grega: as primeiras observações do funcionamento cerebral e das atividades mentais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722011000400021&script=sci_arttext>. Acesso em: 16 out. 2013.

COELHO, Edméia de Almeida Cardoso; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Pensando o cuidado na relação dialética entre sujeitos sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 58, n. 2 mar./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v58n2/a17.pdf>> Acesso em: 10 out. 2013.

GADAMER, Hans-Georg. **O ministério da saúde – o cuidado da saúde e a arte da medicina**. Portugal: Edições 70, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução Fausto Castilho. Campinas: Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

HOMERO. **Odisseia**: telemaquia. Tradução Donald Shcüler. Porto Alegre: Editora L&PM. 2011.

_____. **Odisseia**: Ítaca. Tradução Donald Shcüler. Porto Alegre: Editora L&PM. 2011.

_____. **Ilíada**. Tradução Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEITE, Gontijo Priscilla. **O riso como expressão de um posicionamento na cidade: o encontro de Demócrito e Hipócrates**. 2009. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/nuntius/data1/arquivos/003.10-Priscilla121-135.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2013.

LIMA, Maria José. O que é enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v.10, n. 1, jan./abr. 2005. Disponível em:

<http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141485362005000100011&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 16 out. 2013.

MALHARAS, Daisi et all. **Dicionário de grego-português**. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

PLATÃO. **Górgias**. 6. ed. Lisboa: Edições 70. 2006. (Clássicos gregos e latinos, 8).

_____. **Diálogos**: o banquete; Fédon; Sofista; político. 5. ed. São Paulo: Nova Abril Cultural, 1979. 261 p. (Os pensadores).

_____. **Diálogos**: Fedro - cartas - o primeiro Alcibíades. Tradução Carlos Alberto da Costa Nunes. Belém: UFP. 1980. v. 5. (Coleção Amazônica).

_____. **Diálogos IV**: Sofista, Político, Filebo, Timeu, Crítias. Lisboa: Publicações Europa-America, 1969. (Livros de Bolso Europa-América, 403).

_____. **Cármides**. Tradução Agostinho da Silva. v. 13. (Série Traduções). Disponível em: <<http://en.calameo.com/read/00003971121cc37bc9209>>. Acesso em: 31 out.2013

PEREIRA, Isidoro. **Dicionário grego-português e português-grego**. 7. ed. Portugal: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

RESOLUÇÃO COFEN 311/2007. **Código de ética dos profissionais de Enfermagem**. Disponível em:<http://novo.portalcofen.gov.br/wpcontent/uploads/2012/03/resolucao_311_anexo.pdf> Acesso em: 16 out. 2013.

ROCHA, Zeferino. A ontologia heideggeriana do cuidado e suas ressonâncias clínicas. **Síntese Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 38, n. 120, jan./abr. 2011.